

MEMÓRIAS EM CAMPO: JOGADORES OPERÁRIOS EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (1975-2010)

ZULEIKA STEFÂNIA SABINO ROQUE¹

A relação entre o futebol e o mundo dos trabalhadores já foi estudada por alguns pesquisadores² e merece ganhar mais espaço; pois, muitas vezes, foi entendida em oposição ao trabalho como atividade de lazer e ócio, no entanto o futebol é uma possibilidade de compreensão dos processos sociais.

O presente trabalho pretende apontar alguns pontos que merecem ser discutidos a partir da relação entre esporte e fábrica; tendo como pano de fundo a constituição do parque industrial da cidade de São José dos Campos à luz de experiências de jogadores operários que participaram dos Jogos das Indústrias³, analisando como o futebol se constituiu, em São José dos Campos, em prática de sociabilidade, sentimento de pertencimento e desvelando também relações de poder.

O envolvimento das fábricas joseenses em competições desportivas já vem de longa data. Desde a década de 20 do século passado, é possível encontrar referências e notas em jornais joseenses sobre as disputas entre times de bairro, associações esportivas de maior porte e times de fábrica ou de funcionários do comércio⁴.

Na própria constituição da Liga Municipal de Futebol de São José dos Campos,

¹ Aluna do Programa de Estudos Pós Graduated em História da PUC SP, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Estefânia Knotz Canguçu Fraga.

² Na esteira dos estudos sobre futebol e fábrica, é válido situar os trabalhos de Anatol Rosenfeld, segundo ele o futebol servia para domesticar corpos, infundir sentimento de grupo e abrir oportunidades. Waldenyr Caldas rejeita a idéia do uso do futebol para aprimorar a disposição física dos operários e aumentar a produção; seu principal argumento é de que os times que representavam as fábricas, nem todos operários jogavam. Ver: ANTUNES, Fátima. 1992

³ O acervo referente aos Jogos das Indústrias encontra-se atualmente no Almoxarifado da Secretaria de Esportes e Lazer nas dependências da antiga Tecelagem Parahyba. Registro meus agradecimentos aos funcionários da Secretaria que colaboraram com a pesquisa: Djalma, Mococa, Claudemir, Mangueira, Miriam, Elizeu dos Santos, Américo Soares e Zezinho Friggi.

⁴ Através da leitura de “O Correio Joseense” identificou-se a partir de 1925, um campeonato denominado Interno de futebol promovido pela Associação Esportiva São José, no qual disputavam: Fábrica São José, Tecelagem Parahyba, Fábrica Santo Eugênio, Fábrica Alzira. Festivais esportivos beneficentes para arrecadação em prol de sanatórios e de asilos também foram identificados, como por exemplo, em 1936, quando vários times jogaram no Clube de Regatas Parahyba em prol do Asilo Santo Antônio.

dos sete times fundadores, quatro⁵ deles representavam times de fábricas: Cerâmica Weiss, Cerâmica Becker⁶, Tecelagem Parahyba⁷ e o Rhodosá Atlético Clube⁸, que disputou a 4.^a divisão do Campeonato Paulista do Interior no ano de 1965.

O futebol já estava presente nas fábricas, mas foi na Era Vargas que essa combinação ganhou nova entonação. Em São Paulo, foi realizada, em 1947, a primeira edição dos Jogos Desportivos Operários⁹. O palco escolhido foi o Estádio Municipal do Pacaembú e a cerimônia de abertura ocorreu no Vale do Anhangabaú. Esse evento foi se repetindo sempre nos 1.º de Maio – Dia do Trabalhador.¹⁰

⁵ Além desses também foram fundadores da liga o Santana F.C, Esporte Clube São José, São Paulo Futebol Clube de Santana. Atualmente o Santana ainda encontra-se em atividade e está prestes a completar seu centenário, é o único time de São José dos Campos com sede e campos próprios. O Esporte Clube São José é hoje o São José Esporte Clube. Informações obtidas através da entrevista realizada em 08/07/2010 com o Sr Ildefonso José da Costa, um dos fundadores da Liga Municipal de Futebol em São José dos Campos e seu primeiro presidente.

⁶ Após a Instalação da Fábrica de Louças Santo Eugênio (1921) outras empresas do mesmo setor tiveram origem em São José dos Campos a Conrado Bonádio (1936) e a Cerâmica Weiss (1941). “A indústria cerâmica era um setor industrial bem representado no Estado de São Paulo, ao lado do alimentício e do têxtil, que preponderaram no primeiro surto industrial brasileiro e no Vale do Paraíba, da virada do século XIX à primeira metade do seguinte” (SANTOS: 2006 78).

⁷ A Tecelagem Parahyba se instalou em São José em 1925, porem, suas atividades tiveram início em 1927; foi a segunda empresa de grande porte da cidade. Suas atividades se fortaleceram no período da Segunda Guerra Mundial com a afirmação da marca Cobertores Parahyba no mercado interno e externo que possibilitou o investimento no setor agrícola e pecuário. Segundo Santos, o então proprietário Olivo Gomes, “não titubeou diante das propostas arrojadas para o reerguimento econômico da região implementadas no Estado Novo, pelo governo do interventor Adhemar de Barro; concebeu um projeto agroindustrial que consistia em potencializar as várzeas do Rio Paraíba para a produção de alimentos” (SANTOS: 2006 89). A Tecelagem Parahyba manteve seu funcionamento até o ano de 1995 e hoje ainda há produção de cobertores através de uma cooperativa formada por ex-funcionários.

⁸ Em 1946 foi fundada em São Paulo a Companhia Rhodosá de Rayon S A, indústria do ramo químico, com 80% de capital da Rhodiaceta e 20% do Comptour e Filiados. Terreno da nova fábrica já havia sido localizado e adquirido: 32 alqueires comprados de Pedro Rachid no Bairro de “Santana do Paraíba” Em 1949 iniciavam-se a produção de fibrane e rayon. O beneficiário mais direto da instalação da Rhodosá foi o bairro de Santana que teve sua população aumentada e o comércio melhorado” (DIAS, 118)

⁹ A partir de 1996 os Jogos Desportivos Operários mudam de nome, passam a ser Jogos Operários e é criada a Copa SESI das Indústrias, uma competição Estadual que reúne vencedores dos JOIS (Jogos Industriários do SESI) em cada cidade e Estado. Desde 1999 os jogos passam a ser chamados de Jogos Industriários do SESI, ligado à Divisão de Esporte e Lazer, envolvendo mais de cem mil atletas e duas mil empresas do Estado. www.sesisp.org.br/jois/historia.asp consulta realizada em 25/02/2010. Nos anos 90 houve a ampliação do Regulamento e a criação dos Tribunais de Justiça Esportiva. No início do século XXI temos outro discurso, do esporte enquanto estilo de vida.

¹⁰ Durante a Era Vargas o 1.o de maio que estava associado a um dia de protestos, passou a ser esvaziado e a dar lugar a programações celebrativas. Na primeira versão dos Jogos 2.500 atletas estiveram presentes e foram três as modalidades disputadas: futebol, voleibol e bola ao cesto. As cidades envolvidas na competição foram: São Paulo, Santos, Taubaté, Bragança Paulista, Rio Claro, Monte Carlo e São Carlos. A partir de 1958 houve a inclusão de outras modalidades como bocha, futebol de salão, tênis de mesa e xadrez. Os desfiles de abertura foram interrompidos a partir do ano de 1964,

Na década de 70, com a implantação do projeto governamental Política Nacional de Educação Física e de Desportos, foram estabelecidas as bases para a prática de atividades e outros assuntos ligados ao esporte, inclusive o futebol¹¹.

Constantemente, a imprensa joseense da década de 70 faz referência à cidade de São José, como “cidade do trabalho” e, como conseqüências chegaram à cidade muitas pessoas, vindas de outras regiões, em busca de oportunidade de emprego .

Anúncios de empregos bastante atrativos e com destaque eram facilmente localizados nas páginas de jornal.¹²

Se a maioria dos migrantes que chegaram à cidade veio atraída pelas oportunidades de trabalho na indústria e comércio, o esporte também se encarregou de trazer novos moradores, jogadores que acabaram fixando residência em São José dos Campos. Edward Simões, jogador de basquete do Sport Clube Corinthians, teve participação na vinda de Zé Luiz Pantera para a equipe de futebol do Esporte Clube São José. Acostumado com o ritmo da capital paulista, veio compor o elenco do São José que foi campeão da Segunda Divisão de Profissionais (atual série A3):

Ceguei aqui em 1965 meus deus do céu (risos) olha, falando com sinceridade, quando eu cheguei aqui eu não gostei; sinceramente? Pelo que eu andei pelo interior de São Paulo eu achava que aqui não era assim uma cidade tão importante, era uma cidade assim climática e não tinha nada pra se fazer. Então o quê eu fazia? Chegava aqui treinava de manhã, almoçava e voltava pra São Paulo até quando o Diede falou: “você não vai mais, tem jogos agora durante a semana, você tem que treinar”. Ai, eu comecei a ficar, nesses anos a cidade foi ganhando nome (Zé Luiz Pantera)

também foi nesse ano que começou a eleição da Rainha dos Jogos Operários.

¹¹ O desenvolvimento do treinamento físico, da medicina desportiva e da constituição de espaços para a prática de exercícios recebeu grande impulso nessa época. Dentre os objetivos da PNEFD estavam o aprimoramento da aptidão física da população; a elevação do nível dos desportos em todas as áreas; a implantação e intensificação da prática dos desportos de massa; a elevação do nível técnico-desportivo das representações nacionais; e a difusão dos desportos como forma de utilização do tempo de lazer

¹² A maioria desses anúncios aparece no Jornal O Valeparaibano, principalmente na década de 70, são bastante interessantes por apresentar informações como: convênio médico, dentário, clube para funcionários, ambiente familiar, refeitório, etc. Se por um lado o mercado de trabalho e a especulação imobiliária justificavam o discurso de cidade do progresso; as contradições desse crescimento acelerado da cidade existiam e foram devidamente minimizadas

A troca de informações também através de pessoas ligadas à rádio¹³, que até então era o veículo que mais cobria as partidas de futebol, foi importante para a vinda do goleiro Edson Mug que era da equipe de base da Portuguesa Santista. Os jogadores em 1979 tinham uma missão, a de conseguir o acesso à primeira divisão do Campeonato Paulista:

E sou do Tatuapé, São Paulo, ali perto do Corinthians, eu já tinha em 79 acertado com o Santo André, mas a proposta do SJ foi melhor, a proposta feita por Laerte Pinto foi melhor, tive que ir lá me desvencilhar. Eles estavam montando um elenco pra subir, naquela época não tinha, hoje nos temos seis divisões, naquela época havia três, o São José pertencia à divisão intermediária. Só que quando a gente saía na rua, à gente era reconhecido, um jogador do São José que sai na rua não é reconhecido, eles foram pegando jogadores muito conhecidos. (Valter Passarinho24/03/2010).

Segundo um dos organizadores que acompanhou todas as edições dos *Jogos das Indústrias*, conhecido como “Mococa¹⁴”, as empresas Rhodia e Ericsson encabeçaram a iniciativa, colocando times de diferentes modalidades para competirem entre si. Posteriormente, a idéia foi encampada pela Prefeitura Municipal e, em 1975, organizou-se um torneio envolvendo algumas indústrias da cidade. Ainda não existia um órgão específico enquanto Secretaria Municipal de Esportes.¹⁵

A partir de 1975, com o decreto que obrigava o repasse de verbas para as ADC’s, Associações Desportivas Classistas, a competição ganhou fôlego.¹⁶

¹³ Em 1967, Mug foi trazido pelo radialista Juarez Soares, que tinha vínculos familiares com a cidade de São José dos Campos. Biografia completa disponível em <http://www.museudeesportes.sjc.sp.gov.br> acessado em 15/07/2010.

¹⁴ Apelido do Sr. Francisco Alberto Giudice.

¹⁵ O funcionário Mococa que está há mais de 20 anos na Secretaria de Esportes explicou sobre a origem dos Jogos das Indústrias e a própria trajetória da Secretaria nas últimas décadas. Ele esteve na organização deste evento desde a sua primeira edição. Em 1976, criou-se a Divisão de Educação Física e Esportes DEFE. A partir desse momento os jogos passaram a ser organizados exclusivamente pela prefeitura, que anualmente fazia várias reuniões com os representantes das indústrias

¹⁶ Lei n. 6.251 de 8 de outubro de 1975 – DOU de 9/10/75 atualmente revogada pela Lei n. 8.672/93. O decreto organizava o desporto no país, definindo uma Política Nacional de Educação Física e Desportos. A verba destinada aos desportos deveria ser oriunda do Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação, do Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Social; do reembolso de financiamentos de programas ou projetos desportivos, das receitas patrimoniais, das doações e legados e de outras fontes.

Se, por um lado o governo militar apontava como um de seus objetivos a “difusão dos desportos como forma de utilização do tempo de lazer”¹⁷, o que motivou muitos estudos associando esporte à alienação, por outro lado, a legislação fazia com que as ADC’s tivessem condições de investir em infra-estrutura e manter várias atividades que, para os funcionários e seus familiares, representavam a possibilidade de usufruir de um clube e reunir amigos para churrascos, festas de aniversário, ou as famosas “peladas” onde se definiam os primeiros e segundos quadros dos times.

Durante a entrevista, Zé Luiz Pantera mencionou a infra-estrutura do Clube de Campo da *General Motors* que fica na cidade de Jambeiro: chalés, lagos, passeios a cavalos, salão de festas e áreas de esportes que são utilizadas pelos funcionários da fábrica e seus familiares. São lembranças que não dizem respeito somente ao passado; hoje, a existência de time de futebol da fábrica, chamado “*Boka Aberta*” do qual ele ainda faz parte, reúne-se religiosamente às quintas-feiras na ADC para jantares e partidas de futebol.

Nos torneios internos das fábricas os melhores jogadores eram escolhidos para representar a empresa em competições externas como os Jogos organizados pelo SESI e os Jogos das Indústrias, organizados pela Prefeitura e pelas fábricas. Essas competições não ficavam restritas somente ao ambiente fabril, mas eram abertas aos familiares e apreciadores das modalidades que seriam disputadas. Além disso, o futebol marcava (e marca) sua presença no cotidiano da fábrica, nos refeitórios e nas conversas na linha de produção:

1985 esse ano eu entrei na EATON. Eu acho que até em termos de funcionários, por exemplo na hora do almoço era um reboliço, todo mundo queria sentar perto da gente, era gostoso. O pessoal almoçava futebol, jantava futebol tomava café futebol eu tinha um compromisso de toda quarta e sexta ficar com o pessoal batendo uma bola, toda fábrica tinha¹⁸ um bom campo, e tinham jogos aos sábados e domingos. Eles tem esse hábito até hoje lá (Valter Passarinho).

Graças aos Jogos das Indústrias, para entrar nas fábricas ser “bom de bola”

¹⁷ Inciso V, artigo 5. da Lei 6.251 08/10/75

¹⁸ De fato todas as ADC’s possuem campo de futebol bem cuidado. A Jhonson Clube, a EATON, a General Motor e a Embraer são algumas das empresas que continuam em atividade.

passou a ser um quesito que pesava a favor do candidato, isso explica a quantidade de jogadores com passagem pelo profissional que eram recrutados pelas fábricas e isso não acontecia somente no futebol, mas em outras modalidades. Nesse caso, ex-jogadores profissionais eram figuras bastante prestigiadas e passavam a integrar o time das fábricas nos gramados, na quadras e nas linhas de produção.

A curiosidade dos novos colegas de trabalho sobre o futebol e seus personagens rendia muitas conversas. Agarrar oportunidades, defender o gol também na linha de montagem de carros, foi uma tarefa que o goleiro Mug teve por onze anos na *General Motors*:

Foi uma satisfação grande porque o pessoal não sabe o que é um jogador de futebol, os caras davam risada na roda, como é fulano? Diz aí como é Sócrates? Esse relacionamento fez com que as coisas ficassem melhor lá dentro, o futebol indiretamente me ajudou, as pessoas gostavam de mim, não me achavam metido.... Eu ia passando na linha pra um lugar cada vez melhor; mas, eu também tive força de vontade pra aprender.

Tentar fazer da empresa “uma família” e um time eram discursos recorrentes. O sentimento de pertencimento a uma equipe era vivenciado pelo grupo, fosse a campeonatos externos ou não.

Além de jogar Jogos das Indústrias as outras firmas também tinham, chegava ao final do ano veterano do Palmeiras com jogadores da fábrica! Reunia e fazia aquela confraternização e dava jogo bom! Hoje num sei se é assim, acho que não. (Edson Mug)

Um ano que nós fomos campeões pela EATON eu acho que isso faz falta viu isso movimentava não só a empresa, mas era uma festa fora da empresa também, isso não deveria ter terminado. Eu acho que vale a pena investir nisso! O funcionário na época dos jogos ia ver os jogos, o povo se falava dos jogos, tinha vários jogos, de tudo quanto é tipo. Na EATON tinha campeonatos internos eu trabalhava como chefe da segurança patrimonial e depois trabalhei no transporte, pessoal tinha um carinho tão grande que o pessoal sentava junto com a gente, eu nunca me vangloriei por isso, eu gostava de estar com as pessoas ali. Você sabe de uma coisa era um motivo de orgulho ter um ex- jogador ali, eu sentia isso! (Valter Passarinho)

Segundo um entrevistado, Edson Mug, o período de adaptação dentro da linha de produção foi uma etapa difícil, marcada pela sensação de estranhamento ao novo ambiente de trabalho

Fiquei dez anos, (na GM) agora você imagina eu jogar futebol, onde eu tinha do bom e do melhor, em 87 no São José ganhava 85 mil, apartamento pago, hotel 5 estrelas, daqui a pouco você pára de jogar. Vem uma oportunidade, aparece a GM, você vai ganhar 800 conto, aí veio na minha cabeça, a minha família, eu não sou profissional mais. (Edson Mug)

São mundos bastante diferentes, a experiência no futebol trazia à tona algumas sensações amargas, o brilho era ofuscado pelas novas circunstâncias como a idade e a condição física; na prática, significava *dormir* jogador de futebol e *acordar* tentando se organizar para um novo ciclo. A adaptação à condição de trabalhador de fábrica, para quem não teve uma experiência anterior no setor, era tão desgastante quanto os treinos físicos, mas o efeito era também emocional. Uma nova rotina de trabalho exigia inúmeras adaptações por parte dos trabalhadores que eram ex-jogadores profissionais e estavam ali na condição de operários

Eu tinha 38 anos, eu sentia um pouco a perna, dava pra eu jogar, mas é que você não é valorizado, sabe quando você vai renovar o contrato O negócio e que você está num sistema que está acostumado a levantar de manhã, o treino começava oito e meia, onze horas você tava em casa... Na hora de renovar eles querem abaixar salário porque você tem x idade, mas você tá rendendo a mesma coisa. Você sai de um time que tem elenco bom e vai jogar em times que tem elenco mediano, você tem experiência o resto não, é mais difícil ganhar um jogo, conseguir resultado, não é que você tá velho, o time é um conjunto. (Valter Passarinho)

Representar a fábrica através do futebol nem sempre seguia o rito do *fair play*: cavar um espaço de titular no primeiro quadro já era uma disputa interna. Além disso, embora os regulamentos enfatizassem o espírito desportivo, muitos jogos de diversas modalidades¹⁹, principalmente do futebol, acabavam se tornando ringues, necessitando de polícia e levando à criação de um tribunal específico de justiça desportiva²⁰

¹⁹ Embora tenhamos optado pelo futebol, os Jogos das Indústrias tinham várias modalidades, na sua versão de 1998, por exemplo, atletismo, basquetebol, bocha, dama, dominó, futebol, futsal, judô, natação, pesca, sinuca, tênis, tênis de mesa, truco, voleibol, xadrez.

²⁰ Livro Ata Setor de Competições Divisão de Educação Física e Esportes; Formação de Tribunal especial para julgar recursos de Futebol de Campo e de Salão 22/09/1982.

composto por membros das indústrias para tentar ordenar e fazer valer a integração entre operários.

Outro ponto interessante, é que a conciliação entre a condição de jogadores (da empresa) e funcionários da linha de produção, nem sempre era bem vista pelos supervisores, o que era sempre intermediado pelo Departamento de Esportes das ADC's. O jogador-operário precisava driblar até na linha de produção para manter sua titularidade sem as chuteiras.

Eu entrava a uma e às vezes eu saía, ia treinar e voltar pra fábrica rolava ciúme do Supervisor: “você não pode sair Edson...”. Eu respondia: “Olha eu tô aqui pra trabalhar e não pra jogar, eu vou trabalhar..”. Aí, ligavam lá da ADC pra um superior da minha linha que eu tinha que ir jogar. Aí, eu lá na linha, ele (supervisor) aparecia e dizia: “Pensando bem, acho bom você ir dar uma força mesmo... a perua vai vim te buscar, vai lá jogar!”. Eu mentalmente como era macaco véio, pensei, vou lá! Fui campeão ganhei uma medalha. Depois eu voltei pro trabalho e levei a medalha pro Supervisor e disse: “Foi legal, fomos campeões, foi legal trouxe pro senhor aqui que é gente boa demais”. Meu supervisor ficou louco... Eu pensei: que era isso pra mim? Ganhei tanto na vida medalha, troféu... Só queria que ele pensasse que eu tava ali pra trabalhar, que eu era sério, a vida é assim... (Edson Mug)

Encerrar a carreira como profissional e continuar trabalhando era uma necessidade para o sustento da família. A mídia traz à tona casos bem sucedidos de jogadores, mas há muitos casos omissos e que revelam outras faces do futebol. Ex-atletas que não conseguiram se aposentar e que caíram em miséria, morreram de cirrose, tornaram-se andarilhos, essas narrativas também estiveram presentes durante a produção desse texto.

A pergunta era “vou arrumar emprego onde?” Tinha jogo interno saía uma e meia e ficava até quatro e meia da manhã jogando, interno das fábricas sessão contra sessão, tinha muitos ex- profissionais jogavam a GM tinha bastante, as ADC's tinham muito. Naquela época o pessoal pegava... Muitos deles não agüentaram ou ficou aquela mancha de que não gosta de trabalhar, ficava marcado, depois do jogo ia tomava lanche e voltava eu tinha medo disso, eu tinha 41 anos eu ia arrumar emprego onde? Eu tinha uma força dentro de mim, unir o útil ao agradável (Edson Mug)

Mas é através de suas experiências individuais que essas análises ganham ainda mais sentido:

Hoje eu não posso mais jogar futebol. Seu eu pudesse seria um cara mais alegre, a vida toda joguei futebol, a minha mãe fazia bola de capotão pra ajudar no orçamento a casa, eu fui filho único, se eu pudesse jogar futebol hoje, meu deus ia ser a glória e tem mais, hoje tem até a opção de ganhar um dinheiro com isso, porque tem o veterano do Corinthians que eles fazem 4 ou 5 jogos por mês e tem uma cota (...). Eu não posso hoje por causa da perna, foi um desgaste na cabeça do fêmur, o Basílio fez essa cirurgia também e que acontece que hoje tem tênis anti- impacto. Uma coisa que a gente fazia muito: olha, a gente jogava no domingo no São José, toda terça-feira o ônibus pegava a gente, a gente ia pro Alto da Ponte e pegava o caminho do Luso ia correndo no chão batido chão batido. Hoje subir e descer escada não se faz mais isso, era tênis rainha de couro, uma grande maioria não aconteceu isso, mas muita gente sofreu com isso. (Valter Passarinho)

As oportunidades de trabalho para ex-jogadores sofreram mudanças ao longo do tempo, Mug é hoje treinador de goleiros da Escolinha de Futebol do Time Primeira Camisa, de São José dos Campos. É o espaço que ele conquistou dentro do futebol de hoje, mas sua leitura sobre as inúmeras possibilidades para um grupo restrito de craques é um dos ensinamentos que ele divide com seus alunos:

O futebol deu retorno porque que joguei 21 anos e depois trabalhei mais dez e tinha o salubre seu que deu o tempo. Com o futebol eu consegui a minha casai, mas não tinha muito recurso não, porque eu não pensava muito em mim, ajudava meus pais. Hoje com salário dele (Marcos²¹) você compra dez apartamentos, com meu salário de seis meses eu comprava um. Hoje o Marcos pode parar que ele tem uma condição boa, eu acredito.. Que ele tem um patrimônio legal e o tempo é outro, ele é um cara que o clube vai querer ele vai ser encaminhado não vai parar (Edson Mug)

²¹ Durante a entrevista o goleiro da Sociedade Esportiva Palmeiras: Marcos Roberto Silveira Reis, que começou a carreira no Lençense e se profissionalizou no Palmeiras em 1992 e desde então se mantém no como clube, sendo o principal arqueiro desde 1996, ou seja, são 18 anos de vínculo com o clube e tem desde 2009 dado entrevistas manifestando seu desejo de se aposentar.

A vida profissional e pessoal desses jogadores se confunde em meio às entrevistas, questões como vínculos empregatícios curtos, dificuldades físicas oriundas de desgastes são fatores que pesaram e que deixaram marcas físicas e emocionais. Conciliar também a vida conjugal com as atividades de boleiro, nem sempre foi uma decisão fácil na vida desses homens:

Isso que difícil eu trabalhei quando eu me casei parei de jogar futebol trabalhei no grupo Votorantim eu trabalhava o Votorantim tem empresas eu trabalhei na Praça Ramos de Azevedo, tem filiais no Brasil inteiro. Eu fazia levantamento fiscal a gente ia à filial sem avisar pra saber se estava tudo certinho, um fazia levantamento físico e eu fazia fiscal eu estava nem empregado, mas voltei pro futebol, minha vida e futebol, minha mulher ficou bravo comigo, se eu tivesse continuado teria aposentado mais cedo, no futebol a gente vai parando. Voltei a jogar futebol de certa forma acho que valeu à pena voltar eu vim pra cá São Paulo hoje tá uma loucura. Eu sou joseense agora! (Valter Passarinho)

Talvez por isso, olhando hoje para o passado, e na condição de aposentados, socializando suas experiências tanto na carreira de atletas, como na de trabalhadores de fábricas, a aposentadoria tenha a mesma simbologia de um troféu, de um título, de uma vitória:

Os caras viam que eu não tava lá pra deitar, eu trabalhava! Deus é tão bom que se eu não tivesse nessa fábrica eu não teria aposentado. Eu tinha um amigo na CBF que arrumou todos os papéis, quando chegou os papéis eu cheguei em casa chorando que nem criança.(Edson Mug)

A existência de indústrias de grande porte na cidade de São José dos Campos, fez com que o incentivo à prática de esportes entre os funcionários chegasse a um patamar diferenciado. A criação dos Jogos das Indústrias mobilizou não só os jogos, mas a contratação de peças consideradas chave para bem representar a empresa. O fato de a competição contar com ex- profissionais elevava em muito o nível técnico dos jogos, mas não é só isso, a experiência tanto desses ex-jogadores, como dos demais trabalhadores da empresa revelam vários eventos que mereceriam ser estudados. Diante das inúmeras possibilidades de pesquisa, optamos por hora por socializar a experiência

de três trabalhadores hoje aposentados, que têm em comum uma trajetória pelo futebol profissional e depois como jogadores operários de fábricas: Edson Mug, Valter Passarinho e Zé Luiz Pantera.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. O futebol nas fábricas. Revista USP n.22, Dossiê Futebol, de junho/julho/agosto de 1994.

_____. Futebol de fábrica em São Paulo. DM FFLCH USP. Sociologia, 1992.

BARBOSA, Sérgio Servullo Ribeiro. Esporte e Emoção: contribuições da teoria de Norbert Elias para compreensão desses fenômenos <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais7>

BANCHETTI, L. D e MORELLI, F. M. Nas arquibancadas e nas tribunas: o binômio futebol/política na vivência dos estádios durante o governo Vargas: Pacaembú e São Januário.

DIAS, Augusto. Um tempo na vida em São José dos Campos. SJC-SP: JAC Gráfica e Editora, 2000.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador – uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994

FERREIRA, João Fernando. A Construção do Pacaembú. SP: Paz e Terra, 2008

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: Usos e abusos da História Oral. FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. RJ: FGV, 8a edição.

KATO, Ariaki. (Prefácio) Cadernos Cidade de São Paulo Estádios. Instituto Cultural Itaú, São Paulo ICI, 1994

LOURENÇO, Marco Aurélio Duque. Criações do fenômeno futebol: os casos da construção dos estádio Alfredo Schuring e Palestra Itália. Comunicação realizada na mesa: Futebol, Histórias e Historiografia durante o 1o Simpósio de Estudos sobre Futebol. Maio de 2010.

ROQUE, Zuleika Stefânia Sabino. Educação e cotidiano Escolar em São José dos Campos. DM PUC-SP, 2007.

SANTOS, Ademir Pereira. São José dos Campos Arquitetura Industrial. SJC:SP, 2006

SANTOS, Edmilson. A representação dos Campos de Várzea na cidade: um espaço de memória. Revista História Questões & Debates, Curitiba, n 47, p. 203-215. Editora UFPR

SIMÕES, Alberto. Do Formigão à Águia. SJC: 1992

SOARES, A J G. BARTHOLO, Tiago L. SALVADOR, Marco S. A Imprensa e a memória do futebol brasileiro. Revista Portuguesa de Ciência do Desporto 7 (3). 268-376

TEÓFILO. Tatiane Nunes. A cidade dita (e) dura. Trabalho de Conclusão de Curso. UNIVAP. SJC 2009.

UMEDA, Arnaldo e SOUZA, Jefferson Damasceno. Tuberculose e Futebol. Folha de São Paulo 05/06/1994.

Endereços Eletrônicos:

<http://www.vnews.com.br> Esportes 12/07/2010

<http://www.albertosimoes.com.br> 13/07/2010

<http://www.camara.sjc.sp.gov.br> Lei Municipal Nº 2.199, DE 08/06/1979

www.sesisp.org.br/jois/historia.asp 25/02/2010

www.museudeesportes.sjc.sp.gov.br 15/07/2010

<http://www3.dataprev.gov.br/SISLEX/paginas/42/1975/6251.htm> Lei Federal n. 6.251 de 08/10/1975

Periódicos:

Jornal Agora

Jornal O Valeparaibano

Jornal Correio Joseense

Revista - 1967 VIII Jogos do Interior ale do Paraíba São José dos Campos . SJC, 1967

Revista - Esporte Clube São José 22 anos de Lutas e Glórias 1933-1955

Entrevistas:

Djalma Penha 23/02/2010

Edison Pereira de Souza – Edson Mug 30/03/2010

Francisco Alberto Giudice “Mococa” 17/03/2010

Ildfonso José da Costa - 08/07/2010

José Luiz dos Santos – Zé Luiz Pantera 21/05/2010

Valter Roberto Cosenza – Valter Passarinho 24/03/2010

Zezinho Friggi 23/02/2010